

PERCEPÇÃO DE HOMOFOBIA FAMILIAR E SOCIAL DE HOMOAFETIVOS DO MUNICÍPIO DE CACOAL/RO

Alexandra Gomes Leite¹

José Roberto Paiva Silva²

Heverton Magno Missiatto³

Leandro Aparecido Fonseca Missiatto⁴

Resumo: este artigo resulta de um estudo cujo objetivo foi verificar a percepção de homofobia familiar e social de homoafetivos do município de Cacoal/RO. Participaram da pesquisa 18 pessoas. Os resultados demonstraram que 13 dos entrevistados já sofreram algum tipo de preconceito homofóbico, sendo que 11 perceberam a homofobia em âmbito social e familiar e apenas 02 disseram ter sofrido homofobia exclusivamente familiar. Os dados sugerem que a homofobia social e familiar geralmente ocorre concomitantemente. O estudo aponta a necessidade de investir socialmente em políticas psicoeducativas de acolhimento e respeito às diversidades sexuais.

Palavras-Chave: Homofobia familiar; homofobia social; sexualidade.

Abstract: This article results from a study whose objective was to verify the perception of family and social homophobia of homoafetivos of the municipality of Cacoal / RO. 18 people participated in the survey. The results showed that 13 of the interviewees had suffered some kind of homophobic prejudice, 11 of whom perceived homophobia in a social and family context and only 02 said they had exclusively homophobic homophobia. The data suggest that social and familial homophobia usually occurs with concomitans. The study points out the need to invest socially in psychoeducational policies of reception and respect for sexual diversities.

Keywords: Family homophobia; social homophobia; Sexuality.

1 Psicóloga pela Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal – Facimed. E-mail: alexandraleite_10@hotmail.com.

2 Psicólogo pela Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal – Facimed. E-mail: joserobertopaivasilva@gmail.com.

3 Professor no Ensino Profissionalizante pelo SENAC. Especialista em Docência e Gestão no Ensino Superior. E-mail: professorheverton@hotmail.com.

4 Mestre Analista Processual na Especialidade de Psicologia no Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal (Facimed). E-mail: leandro_afonseca@hotmail.com.

Introdução

Este artigo resulta de um estudo conduzido na cidade de Cacoal, município localizado no centro-sul do estado de Rondônia, cujo objetivo foi verificar a percepção de homoafetivos em relação à homofobia no contexto familiar e social.

O termo homoafetividade foi cunhado a fim de chamar a atenção para a dimensão do afeto, e não para a prática sexual (DIAS, 2006). Segundo Costa e Nardi (2015), o termo apresentado pela jurista Maria Berenice Dias faz jus ao seu sentido, uma vez ser indissociável a homossexualidade da afetividade. Neste estudo, optou-se por utilizar a terminologia homoafetividade por entender que a noção abarcada por homossexualidade está carregada socialmente de conotações de dominância sexual, o que limita a compreensão dos horizontes afetivos, humanos, conjugais e subjetivos que perpassam a homoafetividade.

Sendo uma expressão natural da vida humana, a homoafetividade esteve presente em toda a história da humanidade. Nos povos antigos era encarada com normalidade e chegou em muitas sociedades a representar certa evolução da sexualidade, é o caso por exemplo da Grécia antiga e do Império Romano, em que a homoafetividade masculina era banal e se desenvolvia como uma prática fundamental de preparação do adolescente para a vida adulta (SOUZA, 2001). Com o passar do tempo e tendo como influência pensamentos religiosos, a homoafetividade deixou de figurar como uma prática natural e passou a ser identificada como pecado, pois lesava a ordem divina da multiplicação humana (DIETER, 2012). Desde então, essa dimensão da natureza humana vem sofrendo com arremetimentos que promovem ataques violentos cuja perspectiva é anular e extirpar o que é próprio da vida humana, violentando, de forma deliberada, quem decide viver sua homoafetividade.

Na perspectiva de dar mais notoriedade a esse tipo de violência, em 1972, os estudos de George Weinberg levaram para academia o conceito de homofobia, palavra composta a partir da junção de dois radicais, homo, que significa semelhante, e *fobia*, que diz respeito ao medo (JUNQUEIRA, 2013). Nesse sentido, a expressão homofobia remete à aversão, medo e sentimentos de desaprovação, que levam ao preconceito e à discriminação contra os homossexuais ou quaisquer representantes dos segmentos da diversidade sexual. Para alguns autores, a prática homofóbica vai muito mais além do que a intolerância à diversidade sexual por refletir elementos mais profundos que denotam o rigor dos valores heterossexuais (TOLEDO; FILHO, 2013; BORRILLO, 2010). Sob essa perspectiva, entende-se que esse rigor heterossexual manifestado nos textos, imagens e publicidades visa reforçar a ideologia dominante da heterossexualidade, produzindo

normativas que definem a rigor o aceito e o inaceitável dentro da sociedade, produzindo o que pode ser chamado de heteronormatividade (MIRANDA, 2010).

Por heteronormatividade, entende-se a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s)). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se “o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais” (FOSTER, 2001, p. 19).

Nas sociedades atuais, os rigores heteronormativos se mantêm vivos e agem como alimento para o ódio vislumbrado em práticas homofóbicas que se manifestam na linguagem, mercado de trabalho, ambientes institucionais, política e famílias, o que, por meio da exclusão, negligencia os direitos humanos de pessoas homoafetivas ou age de forma permissiva à cultura da violência e aniquilamento de homoafetivos. Mas, para além dos contextos onde seja praticada a homofobia, destaca-se como um problema de profundo impacto na saúde e bem-estar de seus agentes e vítimas. No Brasil, os ataques a homossexuais têm se tornado tão frequentes que não raramente manchetes de jornais noticiam violências física e psicológica, com também homicídios de LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros e outras definições).

Quanto às violências contra LGBTs é importante considerar que as práticas de agressão se apresentam diluídas nos vários microssistemas sociais e um dos primeiros locais de sua manifestação é a unidade familiar. Quando a homofobia ocorre dentro da família, considera-se como um tipo específico de homofobia caracterizada como *homofobia familiar*, esse termo foi cunhado pela estudiosa Sarah Schulman com o objetivo de dar notoriedade e tratar de forma específica a homofobia ocorrida em contexto de famílias, que, segundo ela, ainda é pouco estudada (SCHULMAN, 2010).

Esse tipo de violência possui amplas dimensões por variar no seu leque de ataques que vão “desde pequenos desrespeitos a graus variados de exclusão, chegando a ataques brutais que deformam a vida da pessoa gay ou até a crueldades diretas e indiretas que literalmente acabam com a existência daquela pessoa” (SCHULMAN, 2010, p. 70).

Os resultados decorridos da homofobia familiar também variam, mas, em geral, causam grande sofrimento por ser a família um importante local de segurança, identificação e imprescindível para o desenvolvimento humano. Um estudo conduzido por Toledo (2013), no interior do estado de São Paulo, contou com a

participação de dez mulheres que por meio de suas narrativas demonstraram que para as participantes da pesquisa a homofobia ocorrida dentro da família era a maior forma de discriminação que puderam experimentar. As narrativas de vida evidenciaram o impacto que a homofobia gera em seus sujeitos na experiência familiar.

Em um estudo de caso realizado por Rodrigues e Filho (2006), com uma família em que um de seus membros, um adolescente de 14 anos, gerava incômodos em toda unidade familiar em razão de sua homoafetividade, constatou-se a natureza desconcertante para a família por não se encontrar habilitada em lidar com a sexualidade destoante de seus membros, fatores culturais e sociais foram importantes elementos que contribuíram para tais dificuldades.

Em outro estudo sobre homofobia familiar, realizado por Perucchi, Brandão e Vieira (2014), com 10 jovens LGBTs, cujo objetivo foi verificar os aspectos psicossociais da homofobia familiar, verificou-se que a heteronormatividade age de forma a legitimar a produção e a manutenção de diversas situações de violência no contexto familiar, culminando muitas vezes com a expulsão/saída da casa de origem ou a submissão a sistemáticas violências familiares. Tais resultados demonstram o impacto da homofobia familiar na vida de seus membros e seus desdobramentos negativos na dignidade e subjetividade de seus integrantes. Todavia, deve-se destacar que a homofobia em contexto de família é, muitas das vezes, o pontapé de uma caminhada longa que a pessoa homoafetiva tem que fazer, sendo a sociedade seu maior desafio, haja vista ser nesse contexto que se dão as relações de aprendizagem institucional, experiências profissionais e formação de vínculos conjugais.

Em nível social, o Brasil é um dos países que mais mata pessoas LGBTs no mundo, ocupando a 44ª posição em um ranking mundial (KOEHLER, 2013). Essa desonrosa posição do país reflete de grosso modo a magnitude da homofobia disseminada em diversos contextos nacionais. Neste estudo, optou-se por denominar como homofobia social os comportamentos homofóbicos que surgem em razão da manifestação, presença, expressão ou representação da homoafetividade em ambientes públicos e coletivos por entender que esse termo abarca de forma mais abrangente as práticas de discriminação em contextos sociais.

O relatório de 2017 sobre pessoas LGBTs no Brasil, divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), apresentou 445 pessoas mortas por crimes homofóbicos, o que caracteriza a morte de um LGBT a cada 19 horas. O mais preocupante é que quando comparado a anos anteriores o número de vítimas letais da homofobia só vem crescendo. Em 2000 foram 130 homicídios, em 2010 saltou para 260, daí em diante os números não pararam de crescer. Em relação a 2016, houve um aumento de 30% de homicídios, esses dados desnudam uma realidade

cruel e perversa que tem se intensificado nos últimos anos em que a intolerância fomentada no campo dos discursos tem alcançado materialidade nas práticas de extermínio de LGBTs.

Em 2013, o Relatório de Violência Homofóbica no Brasil, documento elaborado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, demonstrou que 37,5% da violência contra os LGBTs ocorreram em áreas sociais, como hospitais, delegacias, igrejas, escolas e local de trabalho (BRASIL, 2013). As práticas mais comuns identificadas pelo documento são a violência psicológica, que representa 40,1% das denúncias, seguida por discriminação (36%), violência física (14,4%) e negligências (3,6%). De um modo geral, os dados demonstram a amplitude da homofobia social e sua crescente expressão, mesmo sendo cada vez maior a mobilização de grupos em defesa de direitos homoafetivos.

Desse modo, fica claro que seja no âmbito familiar ou social a homofobia tem efeitos deletérios sobre a vida, dignidade, saúde e bem-estar de homoafetivos, e que seu enfrentamento enseja maior incursão em políticas públicas de proteção e enfrentamento à homofobia familiar e social.

Método

O estudo foi conduzido na cidade de Cacoal, município localizado no centro-sul de Rondônia. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2017), estima-se que a população de Cacoal atualmente seja pouco mais de 88 mil habitantes. A cidade se destaca por ser uma referência em ensino superior no estado, uma vez que concentra quatro faculdades e uma universidade federal com inúmeros cursos que mobilizam diariamente centenas de universitários que se deslocam das cidades vizinhas. Quanto à população LGBT, o município não dispõe de dados estatísticos.

A pesquisa foi do tipo qualitativa e submetida ao Comitê de Ética com o registro de nº CAAE: 83428818.8.0000.529 para apreciação. Após sua aprovação, constituiu-se a amostra com pessoas que se autodeclararam homoafetivas e que eram residentes na cidade de Cacoal/RO. Os participantes foram recrutados pelo método *snowball*.

Como instrumento de pesquisa, utilizou-se um questionário elaborado pelos pesquisadores cujo objetivo era verificar a percepção dos participantes sobre homofobia familiar e social, além de um questionário socioeconômico. O primeiro instrumento continha 15 perguntas fechadas de múltipla escolha, os questionamentos buscaram identificar o local em que a homofobia ocorreu, quem praticou e o que praticou. A análise dos dados foi realizada com o auxílio dos sistemas Excell e SPSS 2.0.

Resultados

O Participaram do estudo 18 indivíduos, sendo 8 do gênero masculino e 7 do gênero feminino, 3 não identificaram o gênero. A média de idade foi de 27,07 anos com um desvio padrão (dp) de 8,5 anos. Quanto à sexualidade, 8 se definiram como bissexual, 2 homoafetivos e 8 lésbicas. Da amostra estudada, apenas 2 disseram ter o ensino superior, a maioria (8) completou o ensino fundamental e 8 dos participantes completaram o ensino médio. Grande parte dos integrantes da pesquisa possuía trabalho no tempo do estudo (10 participantes). Dos que trabalham, 1 era funcionário público e os demais trabalhavam em serviços informais. A renda de 11 dos entrevistados era de até três salários mínimos, 7 deles ganhavam entre três e cinco salários mínimos e apenas 1 dos participantes tinha renda superior a seis salários mínimos. Quanto à moradia, 12 participantes moravam em casas alugadas e 6 deles em casa própria. O número de pessoas que ainda residiam com familiares foi o da metade da amostra, os demais moravam com amigos ou sozinho. Na época da pesquisa, todos estavam em um relacionamento sério com tempo superior a três meses de duração.

Em relação à homofobia, 13 sujeitos responderam que já foram vítimas desse tipo de preconceito, todavia 11 deles disseram que o preconceito sofrido foi na sociedade e família, e apenas 2 disseram ter sofrido preconceito exclusivamente na família. Quanto à homofobia percebida em meio social, destaca-se o impedimento de demonstrar em público carinho e afeto para o(a) companheiro(a) (Tabela 1).

Tabela 1: Tipos de preconceito sofrido socialmente

Preconceito	N
Impedimento de demonstrar afeto em público	08
Agressão física	02
Agressão verbal /psicológica	01
Total	11

Fonte: Elaborada pelos autores

Sobre a homofobia familiar, a maior parte dos entrevistados respondeu que foi vítima desse tipo de preconceito por parte de familiares colaterais, enquanto em linha reta a maior expressão de homofobia familiar se deu por parte dos pais (Tabela 2). Quanto ao tipo de preconceito mais comum no contexto familiar, destaca-se a indiferença (Tabela 3).

Tabela 2: Praticantes de homofobia familiar e principais tipos de preconceito

Parente que praticou a homofobia	N
Tios(as), primos(as) e cunhados(as)	07
Mãe	01
Pai	04
Irmãos(ãs)	01
Total	11

Fonte: Elaborada pelos autores

Tabela 3: Tipos de preconceito sofrido em contexto familiar

Tipo de preconceito mais comum	N
Ser tratado com indiferença	07
Ser ofendido	04
Ser expulso de casa	01
Agressão física	01
Total	11

Fonte: Elaborada pelos autores

Discussão

A amostra estudada apresenta baixa escolaridade, com destaque para aqueles que possuem apenas o ensino fundamental. Para muitos autores, a homofobia social no contexto escolar é em grande parte responsável pela evasão de homoafetivos que defensivamente deixam esses lugares por senti-los desinteressados ou inábeis em acolher seus membros em suas diferenças sexuais (PEREIRA e BAHIA, 2011; JUNQUEIRA, 2013; SOUZA, 2013).

Em artigo intitulado *Pedagogia do Armário: a normatividade em ação*, Rogério Diniz Junqueira (2013) apresenta reflexões de como as dimensões da heteronormatividade no cotidiano escolar (currículo e relacionamentos) produzem práticas de controle, vigilância e gestão de fronteiras, resultando em classificações, hierar-

quizações, privilégios, marginalizações e desrespeitos contra homoafetivos, fazendo da escola um espaço não comum a todos e diminuta na promoção de cidadania.

Para Pereira e Bahia (2011), o abandono escolar de homoafetivos está intimamente ligado ao funcionamento homofóbico das escolas públicas que agem preconceituosamente contra as minorias LGBTs, tanto por seus alunos como pelos professores. As experiências de homofobia na vida escolar fazem com que muitos daqueles que chegam ao ensino superior desenvolvam estratégias de omissão de sua sexualidade, é o que demonstra o estudo conduzido por Souza (2013) que teve por objetivo verificar as estratégias utilizadas por homoafetivos que conseguiram ingresso em prestigiados cursos de Medicina e Direito.

As dificuldades de escolarização sugerem influência no desemprego de praticamente metade dos entrevistados, e a outra metade encontra-se em trabalho informal. Conforme estudo conduzido por Rodrigues e Nardi (2009) com jovens participantes de um projeto social realizado na cidade de Porto Alegre/RS cujo objetivo foi compreender como a diversidade sexual pode influenciar na trajetória profissional de jovens, verificou-se que à medida que os jovens foram assumindo sua homoafetividade tiveram maiores dificuldades de serem inseridos no mercado de trabalho, devendo assumir empregos no campo informal. Este estudo sugere que o processo de aprofundamento na identidade dos sujeitos homoafetivos implica na restrição aos direitos sociais, de modo especial ao do trabalho.

Quanto às diferenças de predominância de homofobia em contexto social ou familiar, observou-se nesta pesquisa que geralmente ocorreram em ambos ambientes, isso demonstra a relação íntima entre sociedade e família, havendo uma importante relação de troca das práticas e valores culturais entre esses sistemas. Todavia, a análise desses resultados é difícil de ser comparada com os da literatura, em virtude de os dados disponíveis tratarem a homofobia em contextos específicos e de modo separado (RODRIGUES e FILHO, 2006; JUNQUEIRA, 2013; PERUCCHI; BRANDÃO e VIEIRA, 2014), no entanto alguns estudos demonstram diferenças quando se compara a homofobia familiar com a social, dando destaque à percepção de homofobia ocorrida na sociedade como um todo (KOEHLER, 2009; ALBURQUEQUE *et. al.*, 2016).

Em pesquisa desenvolvida por Koehler (2009), na cidade de Lorena, em São Paulo, com 671 participantes, verificou-se a predominância da homofobia na sociedade como um todo. Embora os resultados deem destaque à homofobia social, compreende-se que por si só esse fato gere desconfortos nas famílias que podem em maior ou menor grau reproduzir comportamentos homofóbicos em seus núcleos.

Em outro estudo realizado por Albuquerque *et. al.* (2016), no Ceará, com a participação de 400 indivíduos, que teve como objetivo identificar o perfil de violência psicológica contra LGBTs, também se identificou que as principais agressões a homossexuais são de pessoas desconhecidas. Esses dados sugerem

que as famílias, em razão de suas relações de afeto, são capazes de promover melhor acolhimento de seus membros homoafetivos. As divergências entre os achados desta pesquisa com a literatura se devem, muito provavelmente, à diferença no tamanho das amostras e aos locais em que foram desenvolvidas, haja vista a variável cultural possuir considerável influência na repercussão da homofobia.

Uma outra possível explicação está na relação de intimidade e amor existente em uma família, esses vínculos de afeto podem contribuir para que, mesmo sendo difícil para os familiares lidarem com a homoafetividade de um de seus membros, sejam capazes de acolhê-los e evitar práticas mais evidentes de homofobia. Entre os que consideram ter sofrido homofobia na família, apresentaram sendo os primos e tios os mais homofóbicos.

Os dados verificados neste estudo demonstram que a homofobia familiar é mais expressiva entre os parentes colaterais, já entre os parentes ascendentes são os pais que mais apresentam comportamentos de homofobia familiar. Em estudo realizado por Silva (2017), com narrativas de seis jovens gays do interior do estado da Bahia cujo objetivo foi verificar a relação entre o homoafetivo e sua família, identificou-se que as mães são mais sensíveis aos sofrimentos de seus filhos gays que os pais e outros parentes. A relação íntima das mães com seus filhos implica, muito provavelmente, em esforços pessoais para mudar suas crenças para que possam ser acolhedoras e compreender as individualidades de seus filhos.

Em se tratando dos tipos de homofobia, notam-se diferenças entre os expressos na família e na sociedade. O medo de homoafetivos de expressar afetos em público decorre, em grande parte, da não aceitação e, principalmente, da violência psicológica sofrida. Em estudo desenvolvido por Pelullo, Giuseppe e Angelino (2013), com mil lésbicas, gays e bissexuais na cidade de Nápoles/IT, identificou-se que a prevalência de assédio verbal foi a mais frequente, totalizando 85,2%; em se tratando dos homens, a violência psicológica esteve presente em 60,2% dos pesquisados. Ainda nesse sentido, dados apresentados no relatório de violência homofóbica no Brasil pela SDH/PR demonstraram a prevalência de homofobias sociais do tipo de humilhações (35,32%), hostilizações (32,27%) e ameaças (15,78%) (BRASIL, 2013). Esses dados corroboram com os deste estudo, o qual demonstra que a maior expressão de homofobia percebida em nível social é a impossibilidade de demonstrar afetos em público.

O tipo de prática de homofobia familiar mais praticada por seus membros é a indiferença. Para vários autores (SCHULMAN, 2009; ALBUQUERQUE et al., 2016, SILVA, 2017), a maior expressão de homofobia na família é a violência psicológica, dados alinhados ao deste estudo, uma vez que a indiferença é um notório tipo de violência psicológica, já que seus efeitos danosos dizem respeito à subjetividade, e não à integridade física. Esse resultado representa o mecanismo de negação que muitas famílias utilizam para lidar com a sexualidade de seus membros quando esta implica para elas dificuldades ideológica e de valores. Tornar seus membros um

sujeito nulo e indiferente é uma sofisticada ferramenta de segregação daquele que não seguiu as expectativas e o ordenamento natural da família.

Conclusão

Os resultados desta pesquisa demonstram haver homofobia no contexto social e familiar na mesma proporção na amostra estudada, havendo, contudo, diferenças quanto ao tipo de prática homofóbica executada na família e na sociedade. Os achados permitem caracterizar a homofobia social e familiar como fenômenos complexos, multidimensionais, que refletem atitudes atentatórias aos direitos daqueles que não se enquadram nos padrões heteronormativos.

Ademais, as famílias se mostraram, no grupo de estudo, como ligeiramente menos homofóbicas, sendo os parentes colaterais mais homofóbicos que os de linha reta. Esses resultados sugerem que quanto menor o vínculo afetivo, maior é a homofobia, variando em espectro que parte da família e avança para a sociedade. Desse modo, é possível que políticas educativas que utilizem métodos pautados no apelo aos afetos e emoções sejam mais eficazes do que os meramente instrutivos.

No que concerne às limitações da pesquisa, o pequeno grupo estudado e a análise não correlacional limitam no estabelecimento causal entre as variáveis estudadas, todavia a pesquisa se destaca em razão de não haver na região estudos parecidos que coloquem em relevo um grupo em tamanha vulnerabilidade psicossocial. Almeja-se com este estudo ampliar os saberes científicos sobre a população LGBT, bem como contribuir com o reconhecimento das necessidades e vulnerabilidades dessa população, a fim de fortalecer as políticas de combate à LGBTfobia e ampliar seu repertório de atuações.

Referências

ALBUQUERQUE, G. A.; PARENTE, J. S.; BELÉM, J. M.; GARCIA, C. L. Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 109, 2016.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Brasil. **Secretaria de Direitos Humanos. Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012**. Brasília, DF, 2013.

COSTA, A. B.; NARDI, H. C. O casamento "homoafetivo" e a política da sexualidade: implicações do afeto como justificativa das uniões de pessoas do mesmo sexo. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 1, 2015.

DIAS, M. B. **A família homoafetiva**. 2006. Disponível em: <http://www.mariabere-nice.com.br/uploads/44_-_a_fam%Edlia_homoafetiva.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2018.

DIETER, C. T. **As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prisma constitucional**. Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.ibdfam.org.br/_img/artigos/Critsina%2023_03_2012.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2018.

FOSTER, D. W. Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade em la literatura latinoamericana. **Letras: literatura e autoritarismo**, Santa Maria, n. 22, 2001.

GGB. **Pessoas LGBT mortas no Brasil: relatório 2017**. Salvador, 2017. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acesso em 14 de agosto de 2018.

JUNQUEIRA, R. D. Pedagogia do armário. **Revista Retratos da Escola**. v. 7, n.13, 2013.

IBGE. **Dados por município**. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/cacao/panorama>>. Acesso em 20 de agosto de 2018.

KOEHLER, S. M. F. A representação social da homofobia na Cidade de Lorena. **Revista Diálogo Educacional**, v.9, n. 28, 2009.

KOEHLER, S. M. F. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social. **Revista Interações**, v. 9, n. 26, 2013.

MIRANDA, F. Heteronormatividade: uma leitura sobre construção e implicações na publicidade. **Fragmentos de Cultura**. Goiânia, v. 20, n. 1, 2010.

PELULLO, C. P.; GIUSEPPE, G. D.; ANGELILLO, I. F. Frequency of discrimination, harassment, and violence in lesbian, gay men, and bisexual in Italy. **Plos One**, v. 8, n. 8, 2013.

PEREIRA, G. R.; BAHIA, A. G. M. F. Direito fundamental à educação, diversidade e homofobia na escola: desafios à construção de um ambiente de aprendizado livre, plural e democrático. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 39, 2011.

PERUCCHI, J.; BRANDAO, B. C.; VIEIRA, H. I. S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal, v. 19, n. 1, 2014.

RODRIGUES, A. P.; FILHO, F. S. T. A homofobia como sintoma na família. In: **XIX**

ENCONTRO DE PSICOLOGIA DA UNESP, 2006, Assis.

RODRIGUES, M. C.; NARDI, H. C. Diversidade sexual e trabalho: reinvenções do dispositivo. **Ver. Bagoas**, n. 3, 2009.

SCHULMAN, S. Familial homophobia: an experience in search of recognition. In: **Ties that Bind: Familial Homophobia and Its Consequences**. New York: The New Press, 2009.

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas**, v. 4, n. 05, 2010.

SILVA, J. C. Entre a afetividade e a homofobia familiar: histórias de jovens gays em suas tessituras familiares. In: **XI ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DE HISTÓRIA ORAL**, 2017, Fortaleza.

SOUZA, I. C. **Homossexualismo, uma instituição reconhecida em duas grandes civilizações**. In: INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE DIREITO DE FAMÍLIA – IDEF. Homossexualidade: discussões jurídicas e psicológicas. Curitiba: Juruá, 2001.

SOUZA, J. A. **Estratégias de escolarização de homossexuais com sucesso acadêmico**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação, UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2013.

TOLEDO, L. G. **“Será que eu tô gostando de mulher?”: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, São Paulo, 2013.

TOLEDO, L. G. FILHO, Fernando Silva Teixeira. Homofobia Familiar: Abrindo o Armário entre Quatro Paredes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 65, n. 3, 2013.

Recebido em janeiro de 2019.

Aprovado em julho de 2019.